Revista FLORESTAN

O HOMEM E O MUNDO: POSSÍVEIS CAMINHOS DA PERCEPÇÃO SENSORIAL

Ana Lídia de Oliveira

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pesquisadora do Laboratório de Experimentações Etnográficas (LE-E) da UFSCar e bolsista de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP - Processo nº. 2017/03671-4)

E-mail: analid.oliveira@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo fundamental conectar dois elementos distanciados há algum tempo: a *percepção sensorial* e a *visão ecológica do mundo*. Será usada, como ponto de partida, a obra literária/ensaística "As Portas da Percepção", de Aldous Huxley. A partir daí, buscarei, ao longo do texto, apresentar pontos de convergência e divergência – "conexões parciais", no sentido stratherniano – com o que dizem as teorias modernas e contemporâneas a respeito do assunto. Em última instância, o artigo visa apontar, simultaneamente, aproximações e distanciamentos entre trabalhos de autores vindos de áreas diversas do conhecimento e, com isso, colaborar para o enriquecimento e o aprofundamento da discussão desse tema.

INTRODUÇÃO

Em tempos de acirramento das discussões em torno da crise ambiental, os debates acerca das atividades antrópicas sobre o mundo intensificam-se na medida em que tentamos mensurar as consequências oriundas dessa interação, em grande parte das vezes predatória[1]. O que começou como um campo de estudos particular, residente na área das ciências geológicas – mais especificamente na climatologia – expandiu-se para outros campos do saber e chegou, inclusive, no campo das discussões antropológicas[2], numa reinvindicação da importância e da urgência dessa temática. As origens antrópicas das mudanças climáticas, por exemplo, inauguraram uma agenda de pesquisa preocupada não somente com as questões decorrentes do processo de aquecimento global, mas também com as causas desse fenômeno e com os agentes nele envolvidos. Reivindica-se, cada vez mais, a responsabilidade humana frente às suas ações no mundo.

Nesse sentido, trata-se primeiramente de distinguir uma nova era geológica, em que os efeitos da ação humana atingiram a ordem de grandeza dos processos geológicos (TADDEI, 2014). Surge, então, o conceito de "Antropoceno"[3], uma construção mista que envolve aspectos geológicos, filosóficos, teológicos e sociais e que, apesar da instabilidade, reivindica a sua utilidade circunstancial (LATOUR, 2014). É necessário agora, e mais do que nunca, entender como se relacionam homem

1 É necessário pontuar que a atividade humana dita predatória é resultado de um modo específico – em grande parte das vezes ocidental e moderno – de interagir com o mundo. Não devemos esquecer que essa é apenas umas das formas possíveis de relacionamento entre o humano e o não-humano. Sobre outras interações possíveis e criativas ver: Medeiros (2014); Nodari (2014); Taddei (2014).

2 De 15 a 19 de setembro de 2014 aconteceu no Rio de Janeiro um colóquio internacional intitulado: "Os Mil Nomes de Gaia: Do Antropoceno à Idade da Terra", realizado pelo Departamento de Filosofia da PUC-Rio e pelo PPGAS do Museu Nacional-UFRJ. O título do colóquio faz referência aos dois conceitos emblemáticos ("Antropoceno" e "Gaia") dentro do que seria chamado de pensamento contemporâneo da crise. Fonte: https://osmilnomesdegaia.eco.br. Acesso em: 1 dez. 2016.

3 "Antropoceno" é um termo usado para descrever o período mais recente na história do Planeta Terra, onde as atividades humanas começaram a ter um impacto global significativo no clima da Terra e no funcionamento dos seus ecossistemas.

e mundo – em toda a sua complexidade –, bem como de que forma as ações do primeiro modificam o funcionamento do segundo; e, ainda, como essas mudanças terminam por impactar novamente a vida do primeiro.

Talvez seja necessário, por ora, diminuir a "escala"[4]– dar um *zoom*[5] – tentar fazer ver, primeiro, como se dá o contato íntimo entre ambos, no convívio diário. Em um movimento de investigação da relação homem-mundo, opto aqui por dar um enfoque na dimensão "micro" dessa interação. Pensemos agora como o homem – não destituído de sua história, corpo e vivência – *sente* o mundo. Chegamos, enfim, ao tema principal do artigo: *o comportamento sensível humano*.

O presente artigo tem como objetivo fundamental, então, conectar dois elementos distanciados há algum tempo: a *percepção sensorial* e a *visão ecológica do mundo* – falarei precisamente sobre esses dois termos mais adiante. Em tal empreitada será usada, como ponto de partida, a obra literária/ensaística "As Portas da Percepção"[6], de Aldous Huxley. A partir daí, buscarei, ao longo do texto, apresentar pontos de convergência e divergência – "conexões parciais", no sentido stratherniano – com o que dizem as teorias modernas e contemporâneas a respeito do assunto. O discurso aqui apresentado, por sua vez, parte de uma formação teórica residente na Antropologia. Tentarei expandi-lo para outros campos, é verdade – reconhecendo a insuficiência das fronteiras disciplinares –, mas, por ora, é necessário pontuar o meu lugar de fala. Ao longo do texto, tentarei fazer ver como se dá o encontro de discursos diversos. O que eu pretendo, em suma, é transitar pelos espaços – *seguir o fluxo dos materiais*[7] (INGOLD, 2002) – e, nesse sentido, estarei na função de "mediação"[8] . Em última instância, o artigo visa apontar aproximações e distanciamentos entre trabalhos de autores vindos de áreas diversas do conhecimento e, com isso, colaborar para o enri-

4 Esse conceito (no original "scale") é abordado na obra de Marilyn Strathern (1991) a partir da problemática do ajustamento da escala. Aqui, discute-se o "micro" e o "macro" e a necessidade de adequação da pesquisa antropológica à escala nativa. Há um movimento que propõe que nos voltemos para os modos como as escalas são produzidas pelos atores no campo e também pelos antropólogos na academia numa atitude consciente do fazer científico.

5 Utilizo a grafia em itálico como sinalização para os termos e expressões de importância fundamental na análise e argumentação apresentadas; e para os conceitos – antropológicos ou não – discutidos pela bibliografia, opto pelo uso de aspas duplas. Ainda sim, existem enunciados grafados das duas formas simultaneamente – trata-se de citações diretas.

6 No original: "The Doors of Perception".

7 Na obra de Ingold (2012), os materiais não são estáticos, mas estão em contínuo processo de formação/transformação. Seguir esse *fluxo* envolve um processo de "itineração" e tem a ver com acreditar na improvisação do devir. A ideia de seguir o fluxo dos materiais, nesse texto, refere-se a dar atenção ao encontro de teorias vindas de lugares diversos e tentar acompanhar o movimento que elas fazem uma em relação à outra, seja por aproximação ou por contraste.

8 "mediação" (significado): ato ou efeito de mediar; intervir, interceder. Uso aqui o termo no sentido de propor uma intervenção ativa, que possibilita o encontro de ideias vindas de lugares diversos.

quecimento e o aprofundamento da discussão desse tema.

A construção argumentativa aqui apresentada pretende ainda desenvolver uma discussão a respeito da própria forma textual. Nesse sentido, mescla-se retórica e estética em uma finalidade única: fazer *ver* e *entender*, simultaneamente. A forma do texto segue, então, o movimento do próprio argumento. Trata-se, essencialmente, da imagem um percurso traçado, através do qual se consegue caminhar de um vértice ao outro. No meio do caminho, entretanto, insere-se um ponto de intersecção: emerge uma *porta* que possibilita o trânsito entre dois lugares distintos – dois paradigmas[9] científicos. Isso não quer dizer, necessariamente, que a fronteira é por si só naturalizada. Na verdade, faz-se uma distinção forçosa dos termos, engendrada especificamente por um dos lados numa tentativa de evidenciar o contraste entre eles. Comecemos, então, pelo lado oposto.

CORPO-FECHADO

O Paradigma Científico Moderno. Corpo fechado. Homem-sujeito. Absorvendo o mundo.

> *Perderam-se a visão, o som, o gosto, o tato e o olfato, e com eles foram-se também a sensibilidade estética e ética, os valores, a qualidade, a forma; todos os sentimentos, motivos, intenções, a alma, a consciência, o espírito. A experiência como tal foi expulsa do domínio do discurso científico.* R. D. Laing (apud CAPRA, 2006, p. 51).

Por muito tempo, a ciência – ocidental moderna – restringiu-se a uma compreensão reducionista da vida, inclusive no que diz respeito ao processo da experiência sensível. No geral, as pesquisas caracterizaram-se, essencialmente, pelo antropocentrismo, pela visão mecânica do mundo, e pela racionalidade instrumental. Herdeiros de uma tradição basicamente cartesiana e newtoniana – centrada nas noções de progresso e de valorização do indivíduo – os pensadores dessa corrente demonstraram saberes profundamente especializados e, no entanto, fragmentários. Subdividindo-se em disciplinas acadêmicas e restringindo-se a alguma(s) dela(s), obtivemos explicações relativas à percepção sensorial quase sempre marcadas pela presença determinante das ciências naturais.

---

9 *"[Um paradigma é] uma constelação de realizações – concepções, valores, técnicas, etc. – compartilhada por uma comunidade científica e utilizada por essa comunidade para definir problemas e soluções legítimos."* (KUHN, 1975). Pode ser entendido também como um *"[...] modelo heurístico que tem duas funções: fornecer um quadro de noções, uma perspectiva que permite uma percepção ordenada do mundo empírico; e, servir como esquema de orientação para a construção de teoria e para investigações posteriores."* (KUHN, 1975).*"Uma mudança da paradigma [por sua vez,] é uma mudança profunda no pensamento, percepção e valores que formam uma determinada visão da realidade."* (CAPRA, 2006, p. 28)

No que diz respeito à explicação dada pela neurobiologia, por exemplo, a percepção sensorial se daria da seguinte forma: os órgãos dos sentidos atuariam como verdadeiros filtros destinados a detectar as configurações específicas do meio ambiente e a capturá-las. Sendo assim, *"o sistema nervoso, em seus processos de percepção, operaria captando, processando, acumulando e transmitindo informação."* (VARELA E MATURANA, 1995, p. 17). Essa seria uma doutrina "representacionista", centrada no funcionamento de uma única célula: o neurônio (VARELA, 2014). E, nesse sentido, o corpo humano seria um espaço fechado, separado do mundo talvez pela pele. Aqui, a atividade perceptiva é realizada, então, na parte interna do corpo (na mente) como uma forma de *absorção* e posterior representação do mundo externo – o real.

É fundamental pontuar a posição preponderante ocupada pelo homem nesse tipo de teoria. Considerado o único sujeito possível da ação, que por sua vez é completamente consciente, ele é responsável pela apreensão de um mundo acabado e, por isso, disponível para ser captado. O mundo, por sua vez, é objeto e é, portanto, passivo. Dessa forma, entendemos em que sentido o pensamento apresentado é, ainda, fortemente antropocêntrico. Calcada na afirmação da independência humana – que vê, *absorve* e modifica o mundo segundo suas aspirações próprias, sem contar, para isso, com uma resposta autônoma do mundo – a visão "moderna"[10] sobre a percepção supõe uma descontinuidade entre o humano e o não-humano. Há aqui, a total separação entre o homem e o mundo.

Essa não é, entretanto, a única forma de entender o processo perceptivo. Existem – inclusive dentro das ciências da natureza – outras concepções a respeito do assunto. Uma delas é a desenvolvida pela "Nova Biologia"[11] – de Humberto Maturana e Francisco Varela. Essa vertente da biologia sugere uma nova visão sobre os seres vivos e sobre a natureza cognoscitiva do ser humano (MATURANA E VARELA, 1995, p. 40) e, para isso, parte de uma completa mudança no entendimento da relação estabelecida entre o homem e o seu entorno:

> Nós mudamos o nosso ponto de vista de uma unidade comandada externamente com um ambiente independente ligado a um observador privilegiado, para uma unidade autônoma com um ambiente cujos traços são

10 Uso aqui o "moderno" como uma forma de fazer referência à ciência ocidental moderna predominante – aquela influenciada fortemente pelo *paradigma mecanicista* vindo da física de Descartes, Newton, Bacon e da matemática de Galileu (CAPRA, 2006). Cabe ressaltar que quando colocamos esse empreendimento teórico em contraste com teorias ecológicas contemporâneas, ele é lido contrariamente como "tradicional" (INGOLD, 2008).

11 A "Nova Biologia" constitui-se em oposição à "Biologia Clássica". Essa vertente tem como ênfase uma visão sistêmica da vida e não mais a explicação dos fenômenos biológicos por meio da redução aos seus constituintes fundamentais – células, genes ou partículas elementares.

> inseparáveis do histórico de ligação com aquela unidade e, portanto, sem perspectiva privilegiada. (VARELA, 2014, p. 51).

Há ainda teorias semelhantes a essa na área das humanidades e outras que são fruto do encontro de saberes diversos e que, por isso, reclamam a interdisciplinaridade. No que diz respeito aos "paradigmas" científicos, surge uma novidade: um modo de pensar a relação entre o homem e o mundo que faz severas críticas ao anterior. Diante de uma revolução completa nas concepções, nos valores e nas técnicas surge o "Paradigma Ecológico"[12]. Esse novo paradigma propõe uma visão de mundo holística e um deslocamento da posição central do homem – que perde a exclusividade de sujeito e passa a estabelecer uma relação de dependência com mundo que habita. Ele é responsável, então, por realocar os termos da relação e, ao mesmo tempo, possibilitar formas alternativas de relacionamento entre eles, inclusive no que diz respeito à crise ambiental anteriormente citada. Ao mesmo tempo, questiona-se a separação travada entre: o "corpo" e o "mundo"; entre a "mente" e o "corpo"; entre o "corpo" e a "mente", ou – resumidamente – entre o *homem* e o *mundo*. A visão de um mundo mecanicista trazida por Descartes é abandonada agora em prol de uma visão ecológica do mundo (CAPRA, 1996). Partindo de um desafio completo ao Iluminismo e de uma crítica à ciência como um todo, ele se constitui como um campo de discussão estimulante e atual (VELHO, 2001).

> O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também ser denominado visão ecológica, se o termo "ecológica" for empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual. A **percepção ecológica profunda**[13] reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedade estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos). (CAPRA, 1996, grifo meu).

Entre essas duas concepções antagônicas – a "moderna" e a "ecológica" –

12 Esse termo ("Paradigma Ecológico") é cunhado por Otávio Velho (2001) – na antropologia – quando este estabelece uma ligação entre os autores Gregory Bateson e Tim Ingold. Entretanto, há menções a um modo "ecológico" de se relacionar com o mundo em trabalhos vindos de diversos campos disciplinares.

13 Percepção ecológica profunda vem do termo "ecologia profunda", de Arne Naess, em oposição ao conceito de "ecologia plana". A "ecologia plana" é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano, a ecologia rasa vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui à natureza apenas um valor instrumental, ou de "uso". A "ecologia profunda", ao contrário, vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida.

insere-se uma posição intermediária. No meio termo, entre o *corpo fechado* e o *corpo aberto* surge um portal. Chega-se, então, no que seria o ponto de mutação[14] – a abertura; a fenda; o espaço de possibilidades – aquilo que supõe a coexistência de assuntos diversos e que possibilita fusões momentâneas, sínteses, analogias. Abre-se a *porta* e, por ela, deixa-se passar muitas coisas (como num fluxo). Desse emaranhado de linhas entrelaçadas[15], pesca-se conexões[16] temporárias – parciais, espontâneas e, ao mesmo tempo, criativas. Arrisco colocar em relação, aqui, *as portas da percepção* de Huxley e a ideia ecológica de *abertura do corpo para o mundo*.

ABRINDO A PORTA

O ponto de intersecção. A porta se abrindo. Onisciência humana. Pertencendo ao mundo.

Escancaremos finalmente a porta, ou melhor, as portas do livro de Huxley para tentar entender de que maneira ocorre para ele o processo perceptivo. Tudo começa com uma experiência voluntária de pesquisa: *"E foi assim que, em uma radiosa manhã de maio, tomei quatro decigramas de mescalina[17], dissolvidos em meio copo d'água, e sentei-me para esperar pelos resultados"* (HUXLEY, 2002, p. 23).

A obra de Huxley parte, essencialmente, de densas descrições da experiência sensível e estética vivenciada pelo autor a partir do contato com essa substância psicoativa. Ainda assim, ele não deixa de propor, ao longo do livro, a construção de abstrações teóricas referentes ao universo da percepção. No que diz respeito propriamente ao contato entre o homem e o mundo e na maneira como o primeiro incorpora, vivencia e sente o último, surge na obra de Huxley a noção fundamental de "onisciência". Para o autor, o homem é potencialmente onisciente e, no entanto, tem a sua conexão com o mundo restringida por limites biológicos. Em resposta à infinidade do mundo, o homem age no sentido de recortar, de selecionar as partes da realidade que lhe façam mais sentido. Sendo assim, o cérebro humano funcionaria, para Huxley, como uma "válvula redutora" e teria uma função muito mais limitativa do que produtiva.

---

14 Referência ao livro "O ponto de mutação" de Fritjof Capra (2006): *"Ao término de um período de decadência sobrevém o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurge. Há movimento, mas este não é gerado pela força... O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão, a transformação do antigo se torna fácil. O velho é descartado, e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano."* (I Ching).

15 Para maiores informações ver Ingold, 2012.

16 Referência à metodologia desenvolvida por Marilyn Strathern (1991) através da noção de "conexões parciais" (no original: "partial connections").

17 A *mescalina* é um alucinógeno natural extraível do cacto peiote (*Lophophora williamsii*).

> A função do cérebro e do sistema nervoso é proteger-nos, impedindo que sejamos esmagados e confundidos por essa massa de conhecimentos, na sua maioria inúteis e sem importância, eliminando muita coisa que, de outro modo, deveríamos perceber ou recordar constantemente, e deixando passar apenas aquelas poucas sensações selecionadas que, provavelmente, terão utilidade na prática. (HUXLEY, 2002, p. 32).

No entanto, para além do uso convencional do cérebro, Huxley pontua outras possíveis formas de funcionamento alternativo. Nesse sentido, esse órgão não teria uma função meramente biológica, relacionada à sobrevivência do indivíduo e da espécie. Ele poderia ainda ter sua atenção desviada – seja consciente ou inconscientemente. Uma das maneiras de alterar as funções cerebrais seria através do hipnotismo. A ingestão de alucinógenos atuaria também nesse ponto.

Através do uso da mescalina, mais especificamente, Huxley descreve alterações perceptivas recorrentes: mudanças das relações espaciais e temporais e de sua importância prática; aumento das impressões visuais – inclusive no que se refere à ampliação da percepção de cores –; e perda da *vontade* de ação/pensamento sobre assuntos antes colocados em primeiro plano. Ao mesmo tempo, ele alega que o uso dessa substância não corresponde necessariamente a nenhum tipo de redução da capacidade de raciocínio. Percebe-se, então, certo ceticismo do autor no que diz respeito ao efeito psicoativo ao qual esteve exposto. Ele confessa a ausência de uma predisposição individual ao fantástico e encara sua experiência apenas como um *"novo olhar para cenários familiares"*.

> Nada de paisagens abissais, mágico crescimento e metamorfose de edificações, nada que lembrasse, por remoto que fosse, um drama ou uma parábola. O outro mundo ao qual a mescalina me conduzira não era o mundo das visões; ele existia naquilo que eu podia ver com meus olhos abertos. A grande transformação se dava no reino dos fatos objetivos. O que tinha acontecido a meu universo subjetivo era coisa que, relativamente, pouco importava. (HUXLEY, 2002, p.27)

Tudo o que foi dito acima pressupõe um mundo infinito – pelo menos em potencial. Sendo assim, a obra de Huxley é, de certa forma, responsável por abalar a posição de centralidade do homem frente ao mundo. Responsável ainda pela orientação das ações, a figura humana perde, entretanto, a condição exclusiva de sujeito, já que a atividade perceptiva é ela própria múltipla, ou seja, pode ser orientada biologicamente ou então ser desviada por qualquer mecanismo de alteração perceptiva. Esses artifícios – seja a ingestão de substâncias específicas; o hipnotismo; a acumulação de dióxido de carbono nos pulmões e no sangue; ou a exposição à

luz de uma lâmpada estroboscópica – funcionariam na reorientação da atividade cerebral. Seriam eles mecanismos atuantes na redução da eficiência da "válvula redutora" e, sendo assim, funcionariam como ampliadores da percepção. Decorre disso, que o comportamento sensível depende não só de uma abdução do mundo pelo homem, mas de uma interação homem-mundo que resulta da imersão do primeiro termo no segundo. A abordagem do autor empresta assim *agência* também a entidades do mundo não-humano e por isso é responsável por desestabilizar as posições de "sujeito" e "objeto", antes fortemente marcadas. Vislumbra-se, com isso, uma continuidade entre o par homem-mundo.

Há ainda um ponto importante a ser discutido. A atividade restritiva – o *controle da entrada* (pela porta) desempenhado pelo cérebro – requer uma discussão um pouco mais profunda sobre o que seria o *lado de dentro* e o *lado de fora* e isso será feito em seguida, no terceiro e último tópico. Cabe pontuar agora que na obra de Huxley existe uma clara separação do corpo humano e do mundo, bem como é teorizado por autores do "paradigma científico moderno". Entretanto, esse corpo está agora inserido no mundo e, portanto, *pertence* a esse mundo. Em sua obra, o *pertencimento* é retratado principalmente através das noções de "despersonalização" e de "desindividualização". Ao descrever sua *"visão sacramental da realidade"* sob efeito da mescalina, o autor propõe uma aproximação entre o homem e os objetos do mundo.

> (...) voltei ao estado em que me encontrava quando contemplava as flores – a um mundo onde tudo brilhava, animado pela Luz Interior, e era infinito em sua importância. Assim, os pés daquela cadeira – quão miraculosa a sua tubularidade, quão sobrenatural seu suave polimento! Consumi vários minutos – ou foram vários séculos? – não apenas admirando aqueles pés de bambu, mas em verdade sendo-os, ou melhor, sentindo-me neles; ou, empregando linguagem talvez mais precisa (pois "eu" não estava em jogo, do mesmo modo como, até certo ponto, "eles" tampouco estavam), sendo minha Despersonalização na Desinvidualização que era a cadeira. (HUXLEY, 2002, p. 31 e 32).

CORPO ABERTO

O Paradigma Ecológico. Corpo aberto. "Ser-no-mundo". Habitando o mundo.

O Paradigma Ecológico – como se convencionou chamar – é responsável pela inauguração de uma nova forma de conceber a relação entre o homem e o meio em que ele vive. Aqui, homem e mundo são mutuamente dependentes. Não existe sobreposição alguma de um dos dois termos sobre o outro e a relação supõe total reciprocidade.

Resgatemos então, logo de cara, o debate a respeito da interação homem

e mundo para pensar como isso é lido nos termos da Ecologia. Essa corrente de pensamento parte da constatação de que homem e mundo não estão dissociados um do outro. Ao contrário, há uma existência concomitante entre os dois: o corpo está no mundo, ao mesmo tempo em que o mundo está no corpo. A negação da pele enquanto órgão de separação já havia sido feita por Bateson: *"O mundo mental – a mente, o mundo do processamento da informação – não é delimitado pela pele"* e, nesse sentido, Ingold acredita dar mais um passo ao dizer que *"não é apenas a mente que vaza, mas as coisas de modo geral"*.

> Quero sugerir [...] um certo modo de imaginar o sujeito humano – a saber, como um lugar de consciência, limitado pela pele e definido em oposição ao mundo – que está profundamente sedimentado no pensamento ocidental tradicional. O problema da percepção, então, diz respeito a como algo pode ser traduzido, ou "atravessar" de fora pra dentro, do macrocosmo do mundo para o microcosmo da mente. [No entanto,] como tal, a percepção não é uma operação "dentro-da-cabeça", executada sobre o material bruto das sensações, mas *ocorre em circuitos que perpassam as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo.* (INGOLD, p. 2, 2008, grifo meu).

Também Merleau-Ponty parte fundamentalmente da indistinção entre *homem* e *mundo* e, nas palavras de Ingold *"[recusa-se] a estabelecer qualquer fronteira absoluta ou linha de demarcação entre o perceptor e o percebido"*. Segundo sua concepção, a percepção equivale a uma *"abertura do corpo para o mundo"*. (INGOLD, p. 40, 2008). O corpo humano deixa então de ser uma entidade fechada para fora e passa a ser translúcido; poroso. Em resumo, *"você não experimenta o ato de ver como ver o lado de fora, mas como estar do lado de fora"* (INGOLD, p. 54, 2008).

Nesse sentido, podemos estabelecer um paralelo entre o que dizia Huxley sobre o cérebro e a tese de Ingold, apoiada em Bateson e Merleau-Ponty. O primeiro autor partia da concepção de que o cérebro é uma "válvula redutora" e atuaria, então, como um filtro frente à infinidade do mundo. Ingold, ao contrário, pensa o cérebro como um "órgão vazado" que, portanto, permite que muitas coisas o perpassem simultaneamente. Ele não age como condicionante ou regulador, mas recebe diferentes estímulos. Como uma via de mão dupla, ele participa na reorientação desses estímulos e tem sua atividade também reorientada por eles, num processo de interferência recíproca. (INGOLD, 2012, p. 42).

Voltando à obra de Bateson, surge a problematização da divisão das coisas do mundo em "sujeitos" e "objetos" e de seus posicionamentos ativos ou passivos nas inter-relações (a depender da posição ocupada por cada um). Sendo assim, as coisas do mundo recebem agora outro sentido, deixam de ser meros objetos

submetidos às ações humanas, ao mesmo tempo em que homem perde a condição imanente de sujeito. Aqui, talvez, a discussão se finde na questão da *agência* humana e não-humana, de modo parecido com o que é explicitado na obra de Huxley. Cabe lembrar, entretanto, que essa discussão a respeito da dicotomia sujeito/objeto está presente também no pensamento de Tim Ingold, ganhando outro formato. Ele vai mais fundo ao discutir, logo de cara, a distribuição ou não de agência aos seres do mundo – marcação inevitável de quem é o sujeito e de quem é o objeto na interação. Opta então, por fazer uma nova distinção – que julga mais fundamental –: diferencia "objetos" de "coisas". Para ele, o objeto seria algo acabado (um fato consumado) enquanto a coisa seria um acontecer, um eterno processo formativo. Dentro dessa concepção, um ambiente de objetos poderia até ser ocupado, mas não habitado. Somente um mundo repleto de coisas é habitável, já que *"habitar o mundo (...) é se juntar ao processo de formação"* (INGOLD, 2012, p. 31).

Transportando essa ideia agora para o campo da percepção sensorial, fica claro que o autor dá mais importância aos fluxos e transformações dos materiais do que aos estados formais da matéria. Ele concebe um mundo em constante (trans) formação e, por isso, encara o comportamento sensível não como uma mera absorção desse mundo (e da forma dos objetos nele contidos), mas como uma participação improvisada num processo criativo. O mundo passa a ser aberto, permeável e fluído – e o corpo também. Nesse mundo, a matéria está em movimento – em um fluxo constante – e as coisas, portanto, *vazam*.

Depreende-se do que foi dito até então, que os trabalhos intelectuais fruto dessa nova orientação teórica – dita "ecológica" – têm como eixo principal, em comum, a análise do movimento das coisas do mundo, mais do que a observação das coisas em si. No que diz respeito ao indivíduo, o foco deixa de ser um "ser abstrato" e se transforma num "ser-no-mundo". Centrada especialmente na ideia de *habitação*, essa concepção rompe, inevitavelmente, com a lógica do sujeito cartesiano. Destituído de sua posição de destaque, o homem não é mais visto como alguém que entra em contato com o mundo e que o *absorve*, nem é tido como alguém que simplesmente *pertence* a esse mundo. Antes disso, ele o *habita*, participando do seu processo de formação.

CONCLUSÕES

Ao longo do texto, passamos diversas vezes pelos conceitos: *absorção*; *pertencimento* e *habitação*. São esses os eixos centrais na discussão aqui apresentada sobre o tom relacional estabelecido entre o homem e o mundo. As diferenças entre as três

categorias conceituais foram pontuadas e, quase sempre, as definições passaram pela discussão da atribuição ou não atribuição do papel de sujeito ao homem; e pela afirmação ou negação da separação entre o homem (em seu corpo e mente) e o mundo. Esses temas, por sua vez, estão fortemente relacionados a três outras coisas: a primeira delas diz respeito ao lugar ocupado pelo homem no mundo; em segundo lugar, pensemos como marcação desse lugar influência na experiência que o primeiro tem em relação ao segundo e, por último, também como uma consequência, surge a questão do papel atribuído ao homem frente ao mundo.

Em tempos de intensa discussão sobre o "Antropoceno", talvez seja necessário – mais do que nunca – rever os papéis vinculados à figura humana. A respeito da ciência, cabe dizer que há uma necessidade latente de vinculação dessa com a ação política (LATOUR, 2014). O pensamento ecológico vem nesse sentido. Ao reivindicar uma reciprocidade entre o homem e o meio que este habita ele pressupõe a interdependência dos dois termos, ao mesmo passo em que reivindica uma atuação consciente e responsável do homem como um ser-no-mundo. Trago aqui, então, o que essa nova onda teórica está dizendo a respeito da percepção sensorial humana.

Cabe lembrar que a respeito dessa temática específica, Huxley representa um grande passo no caminho que agora está sendo feito. Talvez ele seja responsável por inaugurar uma nova forma de pensar o comportamento sensível – fantástica, é verdade – mas que não deixa de se aproximar das teorias contemporâneas a respeito do assunto. Há uma necessidade cada vez mais forte de conectar as coisas que são produzidas no mundo e a literatura científica que mobilizamos para falar sobre essas coisas. Revisitar o clássico ensaio de Huxley é de certa forma atentar para o que o mundo está dizendo (ou disse) sobre a percepção – numa tentativa não só entendê-la abstratamente, mas também de alterá-la; de experimentá-la em sua potencialidade. Esse processo de voltar, ora ou outra, à realidade do mundo, é responsável por criar uma tensão criativa entre a especulação teórica e a experiência vivida (INGOLD, 2008). E, nesse sentido, Huxley faz, o que seria para Ingold *"a força motriz da investigação antropológica"*: *"rompe as barreiras artificiais que separam a vida do discurso, permitindo que as realidades da experiência irrompam sobre o turfe santificado do debate intelectual"* (INGOLD, 2008, p. 116).

Diante do que foi apresentado até aqui, faz-se necessário revisitar o livro de Huxley uma última vez. As *portas* da percepção apresentam-se agora para nós como que uma simples "alegoria"[18]. Longe de instituírem-se enquanto fronteiras

18 "Alegoria" é uma representação figurativa que transmite um significado outro que o da simples adição ao literal. É geralmente tratada como uma figura da retórica.

que separam o homem do mundo – através da regulação cerebral –, elas revelam-se diluídas pelo corpo como um todo, participando interativamente de uma sensibilidade dispersa. As portas da percepção talvez não estejam tão abertas como gostaria Huxley – e isso implica em uma não onisciência humana –, mas, na verdade, o corpo está *aberto para o mundo* – recebendo fluxos vitais ininterruptos e não direcionados – *seguindo os materiais*, num movimento sempre para frente, de completo devir. O processo perceptivo, na visão ecológica, tem a ver mais com improvisação do que com abdução. Assim sendo, acreditemos na infinidade do mundo e na sua potencial criatividade.

Referências Bibliográficas

BATESON, Gregory. **Mente e Natureza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

_____. Os homens são como a planta – A metáfora do processo mental In: THOMPSON, William Irwin (org.). **GAIA – Uma Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Gaia, 2014.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida:** Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. **O Ponto de Mutação:** a Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. São Paulo: Cultrix, 2006.

COSTA, Alexandre Araujo. Sobre Crise Ecológica, Violência e Capitalismo no Século XXI. In: **Os Mil Nomes de Gaia:** do Antropoceno à Idade da Terra, 2014, Rio de Janeiro. Disponível em: https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/alexandre-costa.pdf. Acesso em: 1 dez. 2016.

HUXLEY, Aldous. **As Portas da Percepção**. São Paulo: Globo, 2002.

INGOLD, Tim. **Humanidade e Animalidade**. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_05.htm. Acesso em: 1 dez. 2016.

_____. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. **Revista Ponto Urbe**, São Paulo, n. 3, 2008.

_____. Trazendo as Coisas de Volta à Vida: Emaranhados Criativos num Mundo de Materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.18 n.37, 2012.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista de Antropologia**, USP, São Paulo, n. 1, v. 57, 2014.

MATURANA, Humberto. O que se observa depende do observador. In: THOMPSON, William Irwin (org.). **GAIA – Uma Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Gaia, 2014.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento:** As Bases Biológicas do Entendimento Humano. Campinas: Editoral Psy, 1995.

MEDEIROS, Rondinelly Gomes. Mundo quase árido. In: **Os Mil Nomes de Gaia:** do Antropoceno à Idade da Terra, 2014, Rio de Janeiro. Disponível em: https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/rondinelly.pdf. Acesso em: 1 dez. 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Primado da Percepção e Suas Consequências Filosóficas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

NODARI, Alexandre. Limitar o limite: modos de subsistência. In: **Os Mil Nomes de Gaia:** do Antropoceno à Idade da Terra, 2014, Rio de Janeiro. Disponível em: https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/alexandre-nodari.pdf. Acesso em: 1 dez. 2016.

STRATHERN, Marilyn. **O Efeito Etnográfico**. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

_____. **O Gênero da Dádiva:** Problemas com as Mulheres e Problemas com a Sociedade Melanésia. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

_____. **Partial Connections.** Walnut Creek, CA: Altamira Press – Rowman & Littlefield Publishers, 1991.

TADDEI, Renzo. Alter geoengenharia. In: **Os Mil Nomes de Gaia:** do Antropoceno à Idade da Terra, 2014, Rio de Janeiro. Disponível em: https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/11/renzo-taddei-alter-geoengenharia.pdf. Acesso em: 1 dez. 2016.

THOMPSON, William Irwin. Introdução: As Implicações Culturais da Nova Biologia. In: THOMPSON, William Irwin (org.). **GAIA – Uma Teoria do Conhecimento.** São Paulo: Gaia, 2014.

VARELA, Francisco. O Caminhar Faz a Trilha In: THOMPSON, William Irwin

(org.). **GAIA – Uma Teoria do Conhecimento.** São Paulo: Gaia, 2014.

VELHO, Otávio. De Bateson A Ingold: Passos na Constituição de Um Paradigma Ecológico. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 2, 2001.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo: CosacNaify, 2012.